

Título de la ponencia: “Percorrendo caminhos entre a Geografia Histórica e a História Ambiental: perspectivas teórico-metodológicas para interpretar a paisagem da Mata Atlântica”

Ponentes: Alexandro Solórzano. Doctor. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro y Ana Brasil-Machado. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Correo electrónico: alexandrosol@gmail.com

Línea temática: Geografía Histórica

Resumen: A Geografia Histórica proposta por Carl Sauer é uma forma de descrição interessada na localização e conexão dos fenômenos no espaço ao longo do tempo. As paisagens culturais, complexos materiais de cultura, descrevem a economia dos grupos culturais: suas ferramentas, seus abrigos, sua alimentação, seu transporte. No entanto, para compreender estas paisagens faz-se necessário investigar os processos que as constituíram, tarefa “de tipo detetivesco”, que envolve a conexão de pistas ou provas, segundo o autor. No rastro de autores como Mathewson, Williams e Colten, consideramos que a Geografia Histórica possui estreitos laços com a História Ambiental. Todavia, a despeito do forte interesse da comunidade acadêmica brasileira pela Nova Geografia Cultural, o modelo saueriano não foi influente no Brasil, apesar dos esforços de Sternberg. Assim, o objetivo do presente trabalho é explorar diferentes caminhos teórico-metodológicos para a compreensão da história ambiental da Mata Atlântica, tendo como ponto de partida a Geografia Histórica saueriana, navegando pelas correntes da Ecologia Histórica contemporânea, e lançando-se ao encontro de novas referências teóricas-conceituais como novos ecossistemas e sistemas socioecológicos. No caso da Mata Atlântica apenas o olhar de conjunto não é suficiente. Há outros elementos que compõe as paisagens, escondidos sob o seu dossel. E estas, como preconizava Sauer, deveriam ser conhecidas através da multiplicação de pontos de vista no trabalho de campo. Para acessá-las, tomando em conta o método morfológico, é preciso observar o que Sauer denominou “relictos e fósseis culturais”, instituições sobreviventes que indicam condições passadas (povoamento, uso do solo, comunicação, mas também valores e práticas religiosas). Assim, para Sauer, a geografia histórica não poderia se satisfazer com o que encontramos nos arquivos e bibliotecas. Ela não pode prescindir de um trabalho de campo exigente. Levar documentos ao campo permite conjecturar processos, conectando as fontes mais diversas ao terreno e as (re)localizando. Tal tarefa exige, portanto, uma “íntima familiaridade com o terreno”. Os legados da interação do ser humano com a floresta atlântica compreendem diferentes tipos de vestígios físicos tais como ruínas, complexas redes de caminhos, carvoarias, sítios ritualísticos e diversos elementos biológicos que passaram a se integrar com a floresta, desde antigos pomares abandonados e ‘escapadas de cultivos’ até ambientes florestais semi-manejados como os bananais. Assim, surgem novos ecossistemas que expressam a história e cultura embutida na própria estrutura e composição da floresta. Uma vez que as atividades pretéritas são abandonadas, a floresta passa por uma trajetória sucessional única, com novas configurações de espécies e dinâmicas ecológicas próprias. Os novos ecossistemas são sistemas híbridos, parte criações sociais e parte dinâmica espontânea da vida auto-organizada: eles são capazes de fornecer importantes benefícios para a sociedade incluindo lugares para se conectar com a natureza, fontes de água potável, recursos para meios de subsistência locais e refúgios

para diversas espécies. Tal abordagem das paisagens florestais atlânticas permite colaborar para uma gestão integrada de seus remanescentes a partir de uma visão não dicotômica, em que a perspectiva de sistemas socioecológicos subsidia a tomada de decisão para a resolução dos conflitos inerentes às complexidades das paisagens contemporâneas.